

Hipnotismo ao pôr-do-sol



© Luiza Guadagnini

Relative calm foi criado originalmente por Robert Wilson e Lucinda Childs em 1981. E em 2021, com os teatros fechados devido à pandemia, os dois 'monstros sagrados' da cena moderna recolheram-se em Toulouse para

realizar uma nova versão desta peça de dança. Visitando ambientes musicais tão distintos quanto os de Jon Gibson (*Rise*), Igor Stravinsky (*Pulcinella suite*), e John Adams (*Light over water*), em *Relative calm* a dupla de criadores

norte-americanos cria uma verdadeira máquina hipnótica assente no movimento, no som e na luz.

O encenador Robert Wilson (Texas, 1941) e a coreógrafa Lucinda Childs (Nova Iorque, 1940) – que nos anos 70 protagonizaram, juntamente com artistas como John Cage, Philip Glass ou Merce Cunningham, a vanguarda artística norte-americana – haviam colaborado em 1976 na lendária ópera de Glass *Einstein on the beach*. *Relative Calm* consiste agora, por sua vez, num novo espectáculo interdisciplinar que, segundo a coreógrafa, “combina o velho com o novo”, reunindo música, arte visual, teatro e dança.

O cenário, a luz e a encenação são assinados por Bob Wilson, ao passo que a coreografia (interpretada por 12 bailarinos da companhia romana MP3 Dance Project) é de Childs.

O título desta criação tem um valor sentimental: é igual ao de uma peça que a coreógrafa apresentara em 1981 no espaço da vanguarda

nova-iorquina chamado The Kitchen, para a qual Bob Wilson assinou o desenho de luz. “Quando começámos a pensar numa nova criação”, conta o encenador, “na altura do *lock down* motivado pela pandemia, este título surgiu-nos de novo”. Dessa peça original foi retomada *Rise* – a composição musical de Jon Gibson, que passou a abrir *Relative Calm*, com uma nova coreografia de Childs –, assim como *Light Over Water*, de John Adams.

Como contraponto a estes dois compositores contemporâneos foi escolhida a peça *Pulcinella*, de Stravinski. Robert Wilson explicita que “este artista pertence a um mundo muito diferente do meu, o que o torna estruturalmente interessante para mim. Respeito-o, mas enceno-o à minha maneira. *Relative Calm* está construído como um relógio que mede o tempo, e a sucessão das horas. É como apreciar um pôr-do-sol: cada instante é diferente”. Amanhã e depois, no Centro Cultural de Belém.

Nadj traz-nos a dança ainda antes de ser dança

Josef Nadj, uma presença habitual no Festival, apresenta amanhã no Palco Grande (com transmissão na RTP2) *Full Moon* – a segunda parte de um díptico iniciado em 2022 com *Omma*, no qual participa o mesmo grupo de bailarinos africanos provenientes do Mali, Senegal, Costa do Marfim, Burkina Faso e Congo.

No percurso de Josef Nadj, a criação de *Ooma* constituiu uma ruptura radical. Foi a primeira das suas peças em que não dançou. A primeira montada num palco vazio. A primeira que não se fundia nem fazia referência à obra de qualquer escritor ou artista plástico. A primeira em que decidiu ter um conjunto completamente novo de intérpretes – oito bailarinos africanos com quem nunca tinha trabalhado. Essa escolha corresponde à intenção fundadora da peça: confrontar-se com um continente sonhado, ainda inexplorado. Um continente ‘imaginário’, em suma. Nessa criação o coreógrafo

fez tábuas-rasa, procurando regressar às origens da dança, do movimento, e, de alguma forma, entrever assim as nossas origens. Com *Full Moon*, Nadj dá mais um passo em direcção ao desconhecido. A lua, invocada para o título desta sua nova criação, faz referência ao cosmos, à formação do Universo, a essa história que antecipa e funda as origens da Humanidade. Associada à renovação e à transformação, com o seu ciclo de 28 dias e as suas quatro fases, a lua traz a esta nova peça uma espécie de estrutura rítmica, como uma pauta.

Em entrevista ao jornal *La Terrasse* a propósito da estreia desta peça, no final do mês passado, Josef Nadj afirmou que: “Durante a digressão de *Ooma* conversámos bastante sobre os temas que tínhamos abordado durante os ensaios, e das matérias que aflorámos mas acabámos por não desenvolver. O grupo tinha imensa vontade de continuar com essa troca mútua, e eu também. Sentia que poderia-

mos aprofundar essa pesquisa de um ritual contemporâneo. À medida que o trabalho para a criação de *Full Moon* se desenvolvia, surgiu-me a figura de uma marioneta. Ao mesmo tempo, cresceu em mim a vontade de estar no palco com os bailarinos, o que é normal, uma vez que participei directamente em

todas as minhas peças, excepto em *Ooma*. Então, acabei por assumir o papel dessa marioneta. Ao passo que na criação anterior dirigia os intérpretes através da palavra, a pesquisa neste novo trabalho centrou-se mais em redor do corpo. Durante o processo de criação influenciámo-nos mutuamente.



Abril cartografado

A Conversa de ontem teve por convidado Ricardo Simões, criador e intérprete de *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*. Que explicou que, na base de tudo, esteve o embate provocado pela leitura da biografia do Capitão de Abril, à qual se vieram a juntar questões de identidade – como pessoa, como artista, a própria história familiar – e de percurso – a insatisfação face ao modo simplista como o 25 de Abril é ensinado, a pressa com que esse capítulo lhe foi ensinado na escola.

Desse 'caldo' concebeu uma dramaturgia que se foi tornando sempre mais despojada e depurada até chegar ao palco negro e vazio de início ao fim, com um actor (ele)



© Patrícia Poço

no centro: um processo que classificou de "duro, desafiador e prazeroso" e que deixa espaço a que cada espectador "construa o que não está lá, faça a sua peça".

A junção dos diálogos com o público permitiu-lhe, por outro lado, "explorar as fronteiras da ficção e da realidade, que muito me interessa". De que resulta um espectá-

culo, que "quanto mais o faço, mais motivos encontro para continuar a fazê-lo". Referiu-se ainda ao site *cartografia.online*, onde são preservadas todas as contribuições, intervenções, histórias, testemunhos trazidos por elementos do público nas sucessivas apresentações deste monólogo dialogado.

Bernardo Mariano

Um saco de ideias para viver mais

Na 3.ª sessão do curso *O sentido dos Mestres*, Rui Cardoso Martins deu continuidade à 'revista' de peças e autores (iniciada no dia anterior) que, em sua opinião, deveriam fazer parte da biblioteca básica de um qualquer aspirante a dramaturgo.

De Gorki e Ibsen a Sarah Kane e David Mamet, todas essas referências foram contudo usadas enquanto exemplos do tratamento das personagens, das técnicas empregues, dos tipos de linguagem, do tom geral, etc., ou seja, de como a boa literatura pode também servir de 'saco de ideias', de personagens, de situações, de soluções. Porém, sem nunca perder de vista

o lado do 'vívido': o conselho de "viver mais" de Rui Cardoso Martins significa também dar significado ao que nos acontece, ao que vemos, ouvimos e apercebemos, e usá-lo (transformado) naquilo que escrevemos.

Recomendações e/ou conselhos vários foram também pontuando a floresta de referências literárias. Em relação a personagens: "Em situações dramáticas, não transformar as personagens em 'coitadinhos' e 'inocentinhos' – todos têm virtudes e defeitos"; ao conteúdo subliminar: "Um bom discurso pode criticar a sua época, sendo embora ambientado noutra"; à 'tirada': "Quando escrevemos uma

frase grandiloquente, devemos ter consciência das consequências dessa mesma frase"; o arco dramático: "Só acredito numa peça, num poema, numa crónica, quando existe uma 'viagem mental', quando o final nos dá algo de diferente do início, fazendo que algo se 'eleve' em nós"; sobre o início: "Não se preocupem de mais com 'como começar?': a peça pode abrir já em movimento"; o estilo: "O dramatismo pode ser criado com meios muito reduzidos – até com monossílabos"; ou ainda algo tão (aparentemente) simples, como: "Não tenham medo dos lugares-comuns".

Bernardo Mariano

Uma sala para os Artistas Unidos

Por iniciativa de um grupo de espectadores do Festival, está a decorrer um abaixo-assinado exigindo uma sala para os Artistas Unidos. Os AU foram fundados em 1996, por Jorge Silva Melo, tendo o primeiro espectáculo estreado no Festival de Almada: *Prometeu – rascunhos*. Como é sabido, esta companhia está na imi-

nência de ser despejada. As suas instalações – o Teatro da Politécnica – eram já de si provisórias, não sendo conhecida até ao momento qualquer alternativa que proporcione aos criadores e ao seu público a fruição cultural a que têm constitucionalmente direito.

Este abaixo-assinado será entregue ao Presidente da Câmara

Municipal de Lisboa, estando as assinaturas a ser recolhidas desde ontem à noite, nos vários espaços em que o Festival decorre. Também é possível assiná-lo na recepção do TMJB, ou na banca do Festival, na Esplanada. Os AU são uma das companhias portuguesas que mais participou no Festival: em 22 edições, desde 1996.

Nadj na RTP

Este ano o Festival estabeleceu uma parceria com a RTP para a transmissão de espectáculos apresentados em Almada. Este acordo inclui a gravação da peça da CTA, *Além da dor* (a ser futuramente transmitida na estação pública), e a emissão de *Full Moon*, do coreógrafo Josef Nadj (amanhã às 22h53, na RTP2).

DEIXA DO DIA

"É muito confuso viver neste mundo, e as pessoas como nós, do teatro, podem proporcionar alguma clareza e propósito".

In *Remédio*, de Enda Walsh

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Curso de formação
O Sentido dos Mestres, com Rui Cardoso Martins
Salão das Carochas

18:00 | Colóquio
Cucha Carvalho
Escola D. António da Costa

20:30 | Música
Asteria
Escola D. António da Costa

21:00 | Dança
Relative Calm
Centro Cultural de Belém

22:00 | Dança
Full Moon
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Salsicha brasileira com lentilhas
Pescada à poveira
Salada de melancia e queijo feta

AMANHÃ

Lasanha de carne
Peixe frito com arroz de gelos
Arroz *thai* com feijão e aipo